



Memórias e Trajetórias de Vida

QUE BOEMIA É ESTA E QUE BOÊMIO É ESTE? REFLEXÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DO FAZER COTIDIANO

Reflections on the representations of daily tasks Reflexiones sobre las representaciones de las tareas cotidianas

Jonathan de Oliveira Molar
César Leonardo V. K. Saad¹

1. Reribusapid
quame in et, adis
comniet, cone
dolupta tibusam
qui deriae volup-
tatem voluptate
volectiat.

122
Revista TEL

MOLAR, J. O.; SAAD, C. L. V. K. Que boemia é essa e que boêmio é este? Reflexões sobre as representações do fazer cotidiano. *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*. Irati, v. 03, n. 01, p. 121-143, 2012.

Resumo

O presente artigo pretende analisar as representações sobre a boêmia durante a década de 1930 na cidade de Ponta Grossa-PR, a partir da coluna “Notas Mundanas”, veiculadas pelo “Diário dos Campos”. Ponta Grossa, durante a década de 30, apresentava-se interiorana e conservadora, buscando em consonância com o panorama nacional, os rumos para uma urbe civilizada.

Palavras-chave

Boemia, sociabilidade, representações.

Abstract

This article analyzes the representations of bohemia during the 1930s in the city of Ponta Grossa-PR, from the column “Notes Worldly,” borne “Journal of the Fields.” Ponta Grossa, during the 30s, appeared provincial and conservative, looking up in line with the national scene, the directions for a civilized metropolis..

Keywords

Bohemia, sociability, representations.

Resúmen

Este artículo analiza las representaciones de la bohemia en la década de 1930 en la ciudad de Ponta Grossa-PR, en la sección “Notas de este mundo”,

transmitidas por “Diário dos Campos”. Ponta Grossa, en los años 30, apareció provincial y conservadora, mirando hacia arriba en línea con el panorama nacional, las instrucciones para una metrópoli civilizada.

Este artículo analiza las representaciones de la bohemia en la década de 1930 en la ciudad de Ponta Grossa-PR, en la sección “Notas de este mundo”, transmitidas por “Diário dos Campos”. Ponta Grossa, en los años 30, apareció provincial y conservadora, mirando hacia arriba en línea con el panorama nacional, las instrucciones para una metrópoli civilizada.

Palabras clave

La bohemia, la sociabilidad, las representaciones.

Introdução

Mais uma dose?
É claro que eu estou a fim
A noite nunca tem fim
Por que a gente é assim?
(Por que a gente é assim? Cazuza)

A proposta de pesquisar a noção de boemia e mesmo a de compreender como tal prática dá forma a um determinado cotidiano remete-nos a constituição de uma cultura urbana, uma vez que, nos propomos a problematizar o cotidiano noturno da cidade de Ponta Grossa. Cotidiano esse da década de 1930, especificamente, as representações da vida noturna e de seu precípua “freguês” – o boêmio, a partir da coluna Notícias Mundanas do Jornal Diário dos Campos.

Cotidiano e cidade se fundem e se dinamizam na construção constante de fomentar uma prática, nesse caso, a prática boêmia, resultando em um emaranhado teórico e pragmático que sujeitam tramas e cenários ativos de um fazer-se a todo o momento nos espaços da cidade, assim como, aqueles resultantes de uma dada sociabilidade. Nesse sentido, aponta Certeau (1998, p. 180):

Eles se cruzam para formar um estilo do uso, maneira de ser e maneira de fazer [...] supõe (assim) que os ‘tropos’ catalogados pela retórica forneçam modelos e hipóteses à

análise das maneiras de se apropriar dos lugares. [...] as práticas do espaço correspondem, elas também, a manipulações sobre os elementos de base de um ordem construída [...] sentido literal definido pelo sistema urbanístico [...] o espaço geométrico dos urbanistas e dos arquitetos parece valer como o ‘sentido próprio’ construído pelos gramáticos e pelos lingüistas visando dispor de um nível normal e normativo ao qual se podem referir os desvios e variações do ‘figurado’ [...]

Partiremos destas proposições para delinear o estudo sobre cidade e cotidiano, pensando um cotidiano noturno que se define em contraposição ao cotidiano que corresponde à normatividade do mundo do trabalho - o diurno. Assim, percebemos um embate estabelecido e um conflito que se expressa na documentação analisada entre esses dois cotidianos que compõe o mesmo todo, além disso, há o confronto entre a boêmia e a malandragem a partir da reprodução de determinados valores e expressões guiadas por projetos de sociedade “civilizada” (políticos, economistas, sanitaristas etc).

Nesse rumo, para a análise das crônicas torna-se importante utilizar o conceito de representação como ferramenta metodológica para tal empreendimento, pois, acrescentam-se diversas possibilidades de abordagens e em dinamismo para a respectiva produção. Conforme Chartier (2002, p. 20):

[...] a representação é instrumento de um conhecimento imediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma “imagem” capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é. [...] outras porém, são pensadas num registro diferente; o da relação simbólica que [...] consiste na representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais [...]

Nesse sentido, não poderemos recair em uma ingênua pretensão historicista-metódica da neutralidade, pois, as percepções do plano social produzem estratégias e práticas que tendem a imprimir e a legitimar um projeto reformador ou a justificar as escolhas e valores de seus próprios indivíduos. Segundo Baczko: “por detrás dos imaginários, procuravam-se

os agentes sociais, por assim dizer, nos eu estado de nudez, despojados de suas máscaras, de suas roupagens, dos seus sonhos e representações e etc (...)” (BACZKO, 1985, p. 311).

Para tanto, não analisamos um conjunto documental vasto, apenas três fragmentos de jornal, pois, temos como propósito o de problematizar o discurso ali presente sobre a boêmia, de modo a apresentar uma reflexão recortada sobre a temática e não uma serialização do modo pelo qual o jornal enquanto discurso oficial representava o mundo boêmio .

Deste modo, em um primeiro momento nos dedicamos a uma reflexão sobre: interpretações e considerações do que é boêmia? E o que é ser boêmio? As possíveis considerações para tais perguntas foram buscadas pelo veio historiográfico - primeiro em Mônica Veloso e, posteriormente, em Maria Izilda de Matos. Em um segundo e terceiro momentos, estabelecemos os ditames de uma discussão em torno de cotidiano e cidade e, por fim, a triangulação das discussões conceituais com os fragmentos jornalísticos que abordavam a boêmia.

Notadamente analisamos essa “imagem”, a forma cuja sociedade expõe as práticas boemias a nível micro, isto é, a cidade de Ponta Grossa, todavia, apoiado pelo arsenal teórico, podemos realizar pontes contextuais com cenários mais amplos – Paris? Rio de Janeiro? As possibilidades são amplas. Por fim, salientamos que a presente pesquisa trabalho não é absoluto, ou seja, não estamos estabelecendo um fim em si, pelo contrário, abrindo um leque de possibilidades de discussões e problematizações sobre o tema em cidades consideradas de pequeno á médio porte.

Retalhos interpretativos - o “passado” que se notabiliza

Não há como pensar o contexto por meio dele mesmo, ou seja, não há contexto exclusivamente enquanto contexto, pois, há interpretações do mesmo e, assim, iniciaremos nossas reflexões a um tema tão vasto na prosa do bar e ao mesmo tempo escasso ao vocabulário dos historiadores. Pergunto-me: a formalidade não levaria os historiadores a se calarem sobre uma prática da qual eles mesmos praticam?

Pergunta capciosa que deixamos ao leitor muitas e possíveis decodificações. Apenas afirmamos que, por certo que sim e por certo que não, mas não nos ateremos a invadir um campo problemático e prático da vida dos historiadores, e sim, pensar o nosso objeto - a boêmia, o boêmio e as práticas e relações que podem convergir.

Nesse sentido, partiremos para início de reflexão, de duas interpretações da historiografia brasileira, a primeira apresentada por Mônica Veloso e em seguida por Maria Izilda de Santos de Mattos. Dois edifícios interpretativos

que revelam particularidades de uma mesma relação, ou melhor, de uma mesma prática cotidiana, todavia, apresentadas de modo dispare.

Mônica Veloso discute a consolidação da modernidade paralela ao mundo da intelectualidade boêmia – os cafés cariocas. A autora pensa estes locais como ambientes de discussões e de desenvolvimento de idéias, nesses ambientes os intelectuais “boêmios” construíam práticas discursivas pensando a sociedade ao qual eles faziam parte, bem como, os momentos e querelas que se transformavam no cotidiano. Destarte, a partir da década de 1880, segundo Veloso, os jornais ‘independentes’ multiplicavam-se em função de um público ampliado, pois a produção teórica de livros e panfletos intensificavam as conferências ligadas aos cafés, as campanhas republicanas ocupavam as ruas, os “bares”, os “botequins” e os auditórios públicos (MELLO, 2009, p. 19).

Em momentos de consolidação de um projeto oficial republicano demarcavam-se os interesses de uma elite industrial que de modo acelerado e enérgico colocou em atividade a inclusão forçada de um projeto de modernidade, ao mesmo tempo, apresentando e difundindo os anseios de um pensamento elitista que será a expressão de uma “verdade” durante o nascimento da República – um projeto de saneamento e regeneração, consolidando um projeto republicano que não é aquele esperado pelos intelectuais da geração de 1870 e “boêmios” dos cafés, gerando, com isso, certa frustração à realidade posta.

Desta forma, a realidade social constituía-se por um significativo contingente populacional recém liberto, não havia garantias à cidadania, assim, a marginalidade e exclusão não atingiam apenas as camadas populares, mas o conjunto da sociedade, configurando aquilo que Veloso (2000, p. 232) conceitua como “repúblicas atomizadas”.

Poderemos guiar nossa discussão pensando na importância da constituição de um modo de vida alternativo em início do século, ou melhor, em um modo de vida denominado como boêmio, no qual se estabelece a relação de uma certa intelectualidade que adota tal modo de ser, práticas que só com a modernidade se constituiriam, ou seja, um estilo de vida cidadão, nos bares (anos mais tardes), botequins, ou nos cafés – modelos herdado da Paris do século XIX e XX.

Nesse sentido, na difusão da nova cultura através de uma nova relação programada pela modernidade entre o público e o privado, a política fará parte integrante dos boêmios, como também apontará por meio dos espaços

públicos, uma circularidade de ambientes de discussões estabelecidas, ao exemplo novamente, dos cafés. Poderemos entender tais espaços de sociabilidade como lugares de possíveis práticas organizadoras da cidade em um sentido mais amplo. Pensar os cafés nos leva a pensar o intelectual neste momento e sua inserção social por meios dos locais de práticas da boêmia, denotando certa relação conflituosa entre o homem das letras e a figura boêmia, como o foi entre os embates dos literatos da academia com os da boêmia.

Quando, em 1914, Emilia de Menezes, um literato e jornalista boêmio, ou melhor, representante fiel e central desta boêmia, consegue entrar para a Academia de Letras, em seu discurso de posse, retoma e revisa de modo irônico o estigma de boêmio, criticando a dissolução que os acadêmicos estabelecem entre a vida e reflexão. Reafirmava a importância dos cafés como produtores culturais, como também, locais de troca de idéias espirituosas e de reflexão (2000, pp. 242 - 243).

A segunda interpretação historiografia abarcada por essa pesquisa é a de Maria Izilda de Mattos, na qual estabelece discussões no que tange a um estudo sobre a boêmia, ou melhor, as noites cariocas em Copacabana entre as décadas de 1940 e 50. Entendendo (Copacabana) como o centro da vida da então capital federal e o berço do samba-canção; a autora, apresenta-nos a moldura da então boêmia carioca:

Nas calçadas preta-e-branca da praia, um vai-e-vem de príncipes, ladrões, banqueiros, pederastas, estrangeiros que puxam cachorros, mulheres de vida fácil ou difícil, vendedores de pipocas milionários, cocainômanos, diplomatas, lésbicas, bancários, poeta, políticos, assassinos e book-makers. Passam estômagos vazios e empanturrados, em lenta digestão (MORAES, apud, MATOS, p. 84).

Percebemos a gama de tipos humanos que compunham o núcleo de relações multifacetadas e de infinitas conexões da sociedade carioca, além disso, formas representativas convergentes e divergentes de distintos segmentos sociais que configuravam o cotidiano noturno dos anos de ouro do então iluminado bairro de Copacabana. Nas novas avenidas, em particular, à beira-mar, passavam automóveis conversíveis, criavam-se as sociabilidades na

praia e definiam-se novas formas de relação entre os grupos estabelecidos e os outros – “clandestinos” ao lugar (MATOS, 1998, p. 84).

A emergência do “ser moderno” passou a se generalizar por diversos campos da sociedade, inclusive, para a esfera pública do domínio da vida cotidiana. A produção cultural e material, daqueles anos, encontrava-se difusa por parte do crescente potencial posto ao mercado de “massa”, da mesma forma que a idéia de “moderno” estava relacionada a estilos de vida e de hábitos difundidos pelos meios de comunicação de massa (ORTIZ, 1994).

Dessa forma, Mattos pensa Copacabana na ‘querela modernizadora’ e analisa que a modernização poderia ser entendida enquanto prática discursiva, incorporada pelos sujeitos que dialogavam na construção do cotidiano de Copacabana, como também, nas fabricações das contradições que assim se colocavam. Nesse sentido, reforça: “era possível reconhecer um campo comum entre os sujeitos históricos que as vivenciavam. Estabelecia-se uma espécie de vetor comum homogeneizador que comportavam resistências e ao mesmo tempo inconformismo” (MATOS, 1998, p. 90). Tais modificações apontam para novas formas de vivência, a partir das quais se constituíram novas organizações do tempo-espço, originando uma outra forma de homens e mulheres apreenderem os fenômenos que vivenciavam (Idem, p. 91).

Percebemos a partir das representações interpretativas postas por Mattos, por meio de sua pesquisa “Copacabana: cotidiano e boêmia”, certas relações diferenciais das tratadas por Veloso, uma vez que Mattos pensa tanto o bairro de Copacabana e as delimitações do entrelaçar-se cotidiano na construção da vida noturna quanto as relações que se davam entre pessoas de classes distintas, umas sendo autorizadas a tal vida e outras construídas em um imaginário posto a estigmatização social.

Deste modo, a intencionalidade de apresentar em um primeiro momento duas interpretações distintas nos faz pensar as várias análises para os vários momentos da história, como também, da historiografia brasileira sobre o boêmio. Pois, não dispomos de mecanismos para alcançar a boêmia de fato, em outras palavras, suas práticas por si mesmas, assim, nos ateremos às interpretações, seja do boêmio intelectual de Veloso ou do boêmio que escapa a certas regras do ambiente diurno de Mattos.

Da boêmia ao boêmio – entre o cotidiano e a cidade

A História, assim como, as Ciências Sociais nos últimos 40 anos vem possibilitando e favorecendo abordagens que procuram recuperar diferentes sensações e relações que promovem a descentralização dos sujeitos sociais e, dessa forma, permitem a descoberta de experiências e aspirações de homens e mulheres, cujas identidades foram tão freqüentemente ignoradas, ou mesmo, apontadas de modo superficial. Assim, procurando enfocar o mundo das experiências como marco condutor, juntamente com a tentativa de encarar a vida cotidiana como a problemática, pretendemos demonstrar que os comportamentos, valores e sentimentos voltados, nesse caso, para e sobre a boêmia podem fornecer *sui generis* caldo cultural.

Dessa forma, para além da construção generalista e limitada que pensa o boêmio como desvinculado do trabalho ou em reversibilidade ao mesmo ambiente, acreditamos que a categorização que se impele ao boêmio é múltipla, construída em consonante relação com o social (MATOS, 1998, p. 83). Isto vem a significar um viver de modo diferente, estabelecer regras de modo distinto, ter uma vida que escape ao monótono e ao previsível, respeitando, contudo, alguns códigos de conduta estabelecidos nesse universo social.

Assim, partindo das premissas estabelecidas por Mônica Veloso e Maria Izilda de Mattos não se pode compreender a boêmia enquanto um todo fechado e homogêneo - o ser boêmio, ou mesmo, a cultura boêmia como uma categorização universal e globalizante. A boêmia, seja como noção e/ou prática, não deve ser concebida, ou melhor, reduzida ao âmbito de resistência da modernidade ou aos imperativos desta, pois, desembocar-se-ia a um reducionismo político de uma arte de viver em gozos e nas camaradagens das noites perdidas e ganhas. Boêmia para além de abstrações teóricas é um jeito vivido, expresso nas delongas de umas bebedeiras, das prosas, das cantigas e canções - a constituição de um universo paralelo distinto e que, em alguns momentos, conjuga-se à turbulenta modernidade dos dias de trabalho.

Para compreender as constituições, ou melhor, as formas de construção de dado cotidiano por meio de determinadas práticas culturais e discursivas que modelam específicas formas do cotidiano noturno/diurno, pensaremos a cidade como “emaranhado do contraditório”, do controverso. Afinal, a multiplicidade de sujeitos e de práticas de sociabilidade podem se tocar ou

não.

Para tanto, partiremos de uma discussão levantada por Jacques Revel, no que tange a Natalie Zemon Davis, em seu clássico *Society and Culture in Early Modern France*, livro este que se propõe enquanto a um projeto de partida para analisar Lyon, umas das grandes localidades comerciais, religiosas e culturais na França do século XVI (REVEL, 2009, pp. 124-125). De acordo com Revel, as considerações sobre o estatuto do conjunto urbano foram significativas para pensar que a estruturação da urbe como um modelo de análise uníssono e homogêneo não era a forma mais adequada para explicar diversos aspectos da experiência coletiva em um momento de intensas desordens.

Nesse sentido, Revel, nos aponta que a ambição de Davis: “não era mais a de oferecer uma imagem global de uma entidade social compreendida como uma unidade, mas de compreender certos aspectos relevantes de uma transformação histórica” (REVEL, 2009, p. 125), por meio de formas de diferenciação e de descontinuidades. Portanto, fica claro a perspectiva que difundiremos em nossas páginas no que concerne à cidade, o espaço desta e as forma de viver e de se sociabilizar: longe de uma unidade, a cidade esta a todos os momentos fazendo-se e refazendo-se, do nascer do sol ao brilho da lua (BRESCIANI, 1998).

Não há como pensar a cidade como um simulacro fechado, um modelo onde encontraríamos a cidade formada. De acordo com Certeau:

[...] a cidade-panorama é um simulacro ‘teórico’ (ou seja, visual), em suma um quadro que tem como condição de possibilidades um esquecimento e um desconhecimento das práticas [...] entrelaçamento do dia-a-dia e fazer-se estranho a eles [...] Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de ‘operações’ (maneiras de fazer), a ‘uma outra espacialidade’ (uma experiência ‘antropológica’, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada. Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível [...] A ‘cidade’, à maneira de um nome próprio, oferece assim, a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas

uma sobre a outra (CERTEAU, 1998, pp. 171-173).

Portanto, estudar as transformações ocorridas na cidade e em seu cotidiano significa reinventar dadas situações, desse modo, pensaremos uma prática, isto é, a boemia, a partir de recriações e apropriações que estão associadas ao ambiente do bar, do botequim, do cabaret, em outros termos, do cotidiano que se faz na noite, na reciprocidade da boêmia e dos expressionismos de vivências.

As faces da boêmia... Pensando a prática por meio da voz oficial

Não construímos para esse estudo um arsenal documental gigantesco, apenas três crônicas pertencentes a coluna: Notas Mundanas e Locais, do Jornal Diário dos Campos. Por meio das crônicas recortadas, perceberemos a representação que dado discurso, este no contexto em que foi produzido e pelas circunstâncias sócio-políticas que se encontravam na sociedade em questão, retratavam a boêmia e, mais amplamente, as práticas de sociabilidade da cidade de Ponta Grossa durante a década de 1930. Traçam-se, com isso, as tentativas de entender as faces de significados atribuídas à boêmia em uma cidade – Ponta Grossa da década de 1930, como também, os temas correlatos que a reflexão demandará por conta da boêmia, em alguns casos, tratados de modo nodal na documentação.

As fontes escolhidas são representativas, enunciadoras de um discurso oficial – o jornal Diários dos Campos – que, neste contexto, apresenta-se de modo performativo, representando e demarcando a ‘fala’ de um projeto hegemônico de sociedade – aquela pensado pela elite. Assim, as representações que analisaremos e as construções das mesmas reportam-se à categorizações e formas de um grupo social que detém, neste caso, os meios de comunicação como canal e os mecanismos de reprodução ideológica a seu dispor.

Na década de 1930, de maneira geral, em Ponta Grossa revelavam-se certas concepções antagônicas de sociedade: entre a sua população poderiam ser encontrados representantes de projetos e concepções distintas, como: católicos, espíritas, protestantes, maçons, comunistas, integralistas, entre outros, todos compartilhando de um mesmo espaço citadino-geográfico. Inserindo-a no crescente processo de intensificação da estrutura urbano-industrial, representava em conjunto com as demais cidades do Paraná, os valores contidos no ideário do movimento Paranista e que, segundo Chaves

(2001, p. 151) “eram calados numa visão positiva de sociedade”. Nesse sentido, o jornal era a expressão deste mesmo arsenal semiótico, que de acordo com Chaves (2001, pp. 151-1520). apresentava-se do seguinte modo:

[...] contexto marcado pela pluralidade social e por uma multiplicidade de discursos e representações, destacava-se a produção discursiva do Diário dos Campos. Criado em 1907, esse jornal apresentava-se como veículo de comunicação mais conhecido em Ponta Grossa na década de 1930. A imagem de Ponta Grossa construída nas representações discursivas do Diário dos Campos é a de uma cidade ideal, na qual os problemas existentes tendiam a ser solucionados tanto por meio da atuação dos poderes constituídos como pelas ações individuais ou coletivas de membros da sociedade. A estratégia discursiva adotada pelo Diário dos Campos, nesse momento histórico, foi a de encobrir as disputas existentes na pluralidade social de Ponta Grossa por meio de um discurso caracterizado por uma suposta neutralidade e pela busca de um bem comum. [...] sociedade plural levou o Diário dos Campos a adotar uma prática discursiva que representava a busca de um consenso possível. Ao escrever sobre a realidade de Ponta Grossa, na década de 1930, José Hoffmann deixava transparecer a existência de tensões e contradições na sociedade local. Tensões que se originavam exatamente na diversidade dos grupos sociais, cada qual buscando ampliar seu espaço no imaginário coletivo ponta-grossense .

Desse modo, a primeira crônica selecionada à reflexão foi publicada em cinco de outubro de 1937, não trazia um referencial discursivo sobre a boêmia propriamente dita, todavia, sua potencialidade reside no fato de demandar reflexões sobre algo correlato, fruto de uma diferenciação da noção de Boêmia que acaba recaindo na própria construção do que é ser boêmio, ou seja, o malandro - a malandragem e correlações. Para tanto, podemos pensar os contrapontos e as representações construídas até então sobre o boêmio e, a partir daí, pensá-los em virtude de um embate social sobre o malandro. O interessante é situarmos tais relações para então percebermos a própria

produção e intencionalidade do discurso. Assim, transcrevemos na íntegra para a análise a crônica:

Malandro - Tenha pena de ti, malandro decorativo. Tenho pena da tua peregrinação cansativa pelas escolas de samba, pelos lugares suspeitos, pelas ruas desertas da cidade às horas mortas da noite em busca de aventuras. Tenho uma compaixão imensa de ti, malandro decorativo de camisa de meia, navalha e boné (...). Como deve ser extenuante, malandro, o teu officio de Quixote barato, escravo da opinião alheia, ocupado unicamente em manter, dia e noite, a reputação de 'sabido', de 'Bamba', de sambista e de vadio (...) (Diários dos Campos, 05-10-1937).

A malandragem ali expressa correlaciona-se a um estigma social. Representa-se, ou mesmo, expressa-se por meio do jornal um espaço personificado e de porta-voz de reclames e de expressões de um dado grupo (o dirigente e suas ramificações) e, neste caso, um grupo sobre o outro (classes populares), sendo este último, aliado de defesa em esferas institucionais. Desta forma, as associações são extenuantes, ou seja, do malandro ao sambista, como também, do vagante pelas ruas de dia e de noite - vagante desocupado.

As expressões de malandragem estão diretamente associadas ao carnaval, ou melhor, às escolas de samba. Estas, levando-se a pensar a própria significação do carnaval, isto é, pressupõe-se uma idéia da desordem, ou melhor, o carnaval expressa-se como a festa da desordem em contraposição ao Sete de Setembro, comunhão da ordem e do progresso (DAMATTA, 1997, p. 261). Para tanto, o Malandro recebe determinado imperativo - o mentor de uma desordem - como também, do retrocesso e do estigma social, para este não há espaço em uma cidade definida pelo mesmo Jornal como "A cidade Civilizada" (CHAVES, 2011, p. 27).

Desse modo, Roberto Damatta, expressa por meio de um triângulo ilustrativo a construção da 'identidade brasileira', ou seja, o embate desferido pelo jornal e os enunciadores ali presentes levam-nos a pensar de modo etnológico os trâmites discursivos e os elementos que perpassam a estruturação social brasileira. Segundo Damatta:

Podemos ser a um só tempo e simultaneamente o branco colonizador e civilizado, o preto escravo que corporifica a forma mais vil de exploração de trabalho – a escravidão – e, finalmente, o índio, dono original da terra, marcado por seu amor à liberdade e à natureza. Além disso, somos – além da ideologia das três raças [sic] que acabamos de apresentar e que surgem também num triângulo, complexa e surpreendentemente consistente, qual seja: Carnavais = Foliões = índios (ou marginais); Parados = Soldados = Brancos (ou superiores); Procissões = Fiéis = Negros (ou inferiores) [...] podemos dizer que somos todos e cada um desses elementos, apesar das enormes distâncias que possam existir entre eles. [...] Há, pois, no caso da sociedade brasileira uma funcionalidade que opera no nível mesmo da consciência social dos atores, já que todos os lados do triângulo são críticos. [...] a cada um dos seus vértices corresponde uma “leitura” possível do mundo social brasileiro de uma perspectiva diferente, mas sempre básica, o ponto crucial sendo, em outras palavras, que na ideologia brasileira o universo social é retraduzido e comentado sistematicamente em termos de três pontos de vista. Sem um deles, a sociedade provavelmente estaria desfalcada (DAMATTA, 1997, p. 262).

As associações do malandro ao mundo do samba e a forma apontada como o “desocupado”, o “vadio”, o “Don Quixote barato” implicam em representações aproximadas ao negro, ao mulato, ao índio. Em suma, tais correlações revelam a íntima expressão do mesmo discurso ideológico do branco, da ordem, do civilizador, do possuidor da verdade. Desta forma, pensar a cada ponto do triângulo discorrido anteriormente por Damatta significa trazer à baila posições sociais estereotipadas e reconhecidas nas distintas camadas da sociedade brasileira, dialogando no sentido de que, muitas vezes, os meios de reprodução e de expressão de tais imperativos - como o jornal - revelam parcialidades, apontando para a voz de um dado grupo e de representações que trafegam de um pólo ao outro. Segundo Chartier (1989, p. 183):

[...] construção das identidades sociais como resultando

sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade.

Por meio de tais imperativos, inferimos que os heróis do carnaval, isto é, os tipos que são “denunciados” pelo jornal são considerados os marginais de todas as espécies. Por conseguinte, estes se tornam personagens de um discurso oficial que os aponta para uma ‘anti-cultura’ detentora de míseros dotes de erudição, em outros termos, o malandro como um falso boêmio das ruelas escuras e das noites vazias e entediantes à procura de um algum divertimento.

Malandro e boêmio apresentam pontos em comum - a noite, o bar, a sociabilidade, o vagar em busca de aventuras – mas, ao mesmo tempo, disparidades de representações de projetos de sociedade sobre eles, como também, dos indivíduos que fazem parte desses dois “grupos”; dessas diferenciações:

[...] [há uma] tipologia que distingue claramente o boêmio do marginal. Boêmios e malandros não fariam a mesma língua, apesar do boêmio saber a gíria da malandragem. O boêmio tem todas as virtudes do cidadão ideal: bons princípios, moral familiar, é trabalhador e respeitador; o falso boêmio, todos os defeitos e vícios dos desclassificados de índole vagabunda. O verdadeiro boêmio é o homem que brinca, o ser lúdico que ama os prazeres da noite, que anda no lado escuro mas permanece tocado pelas luzes do bem. O falso boêmio, ao contrário, é um ser das trevas, ‘de índole perversa e má’. Por meio de oposições e antinomias extremamente maniqueístas, duas figuras se delineiam com precisão, em sua irreduzível diferença (BENATTE, 1996, p. 205).

A pesquisa de Benatte delimitou tais representações sobre a boêmia e a malandragem, surgindo também, como no nosso caso, de um relato de jornal - uma crônica que revelava certos reclames e práticas discursivas das categorias em questão. Desta forma, o boêmio é colocado como um “gozador” dos prazeres da vida, todavia, com limites, pois, acreditava no trabalho, ou melhor, não o refuta, é um moço de “bons costumes” que estava afeito aos sentidos de um projeto de sociedade calcada na ordem e no progresso. Para Benatte, o boêmio:

[...] não se identifica com as margens: sua situação é de trânsito, de passagem, de escape. Enquanto para o rapaz de bem as atividades boêmias tem até um certo charme e são vistas com bastante complacência, para outros constituem um comportamento vicioso e deplorável, posto que estes outros fincam pé no lado de lá e enveredam pelos caminhos da criminalidade: são bêbados, escroques, gatunos e vigaristas [...] a posição do indivíduo nos estratos hierárquicos da sociedade: o verdadeiro boêmio seria uma espécie de extravagante ocasional, mais aceito que estigmatizado, oriundo dos quadros sociais médios ou superiores, perfeitamente integrado à estrutura produtiva e aos valores dominantes da sociedade. De noite, um boêmio; de dia, um cidadão de prol (BENATTE, p. 205 - 206).

O malandro é, como já o foi demonstrado, uma categoria específica atribuída a um dado grupo, mas poderemos pensar o malandro como o boêmio às avessas. Boêmios e malandros seriam sinônimos enquanto um *modus vivendi* contraposto às classes conservadoras. Ambos variam conforme as dosagens de expressões, pois, estes, assim como aqueles, em alguns casos, são denunciados por determinadas práticas sociais, tidas como ofensivas a um imaginário promissor e ao bem comum civilizador.

Inferimos tais associações também no segundo fragmento discursivo selecionado para esta pesquisa. Na segunda crônica, a boemia é lembrada como um momento longínquo que não mais retorna e que seria de uma “inutilidade” reincorporá-la enquanto prática, ficando assim, a lembrança de um tempo que representa o indivíduo mergulhado na boêmia. Em primeiro

de dezembro de 1937, com o título de ‘saudades inúteis’, na coluna matinal das ‘Notas Mundanas’, assinada por Don Juan, apresenta o seguinte relato:

A vida passou (...) As noites bohemias ficaram dentro da saudade... Recanto de bar povoado de arranha-céu de chops (...) No alto de tudo isso inspiração muito vaga deita de retalhos de recalques... Angustias indecisas de sofrimentos imprecisos (...). Longas conversas recheadas de confiança moldadas em cerveja, as noites bohemias era assim (...). Sem versos escriptos nos marmores brancos das mesas simétricas (...). Sem canções e sem musicas para encher de encantos e de romance a noite que passava (...) A inspiração agonizava dentro dos copos (...) A vida passou. Eram assim, as noites bohemias que ficaram dentro da saudade (...). Saudade inútil de cousas inúteis. Don Juan (Diários dos Campos, 01-12-1937).

Um relato melancólico. Melancolia de uma vida que passou, da juventude que morre para fazer do moderno o momento válido, para tanto, o velho pesar desgastado que faz com que os gozos e as lembranças daqueles tempos a bailar e a beber correspondam ao oculto, ao subversivo. Constrói-se, assim, tais momentos pela inspiração de recordar a vida que passa e as saudades, por mais que inúteis, permanecem vivas em seu pensamento a ponto de publicá-las em um jornal.

Deixou-se na crônica a dramaturgia e a poetização da vida explicitas à imaginação de quem lê tal relato. Poderemos a partir do descrito e do desfecho do próprio cronista “Saudade inútil de cousas inúteis”, perceber certas implicações das quais falávamos anteriormente, em que determinados sistemas simbólicos demandam uma mudança cognitiva na forma de percepção do próprio sujeito que enuncia o discurso, nesse caso, de que ele se revela enquanto um “ex” boêmio, se é que isto é possível, a relembrar momentos que não voltariam mais.

Podemos pensar o Don Juan como expressão de um grupo ou de indivíduos que deixaram tal prática e revelam-se em contraposição a ela; todavia, não seria essa rejeição e abandono da boêmia apenas uma artimanha para garantir a incorporação desses sujeitos em uma sociedade legitimada

como moderna? Como também poderemos pensar de forma ilustrativa, como não fictícia, de um emblema ideológico que resulta na expressão dos interesses elitistas reproduzidos pela sociedade por meios dos sistemas simbólicos, perante o qual, faz da boêmia algo a se esquecer. Revela-se, dessa forma, um discurso que condiciona a uma certa disciplinarização do cotidiano, conforme anseios maiores e diretrizes perceptíveis dos grupos dirigentes. Segundo Certeau:

[...] ‘instrumentos menores’ capazes, pela mera organização dos ‘detalhes’, de transformar uma multiplicidade humana em sociedade ‘disciplinar’ e de gerir, diferenciar, classificar, hierarquizar todos os desvios concernentes à aprendizagem, saúde, justiça, forças armadas ou trabalho [...] riram sua eficácia de uma relação entre processos e o espaço que redistribuem para produzir um ‘operador’ (CERTEAU, 1998, p. 175).

A normatização ou mesmo a disciplinarização do cotidiano resulta em um meio de fazer-se a vida, uma construção do consenso coletivo, ou seja, uma esfera consensual que gera desvios aos que discordam, constituindo, assim, na construção e dinamização de representações de caráter negativo sobre este outro que contesta a normatividade e a naturalização de um modo social de se viver. Destarte, a boêmia pode ser considerada, até certa medida, como fuga de tal normatividade ou a construção de uma paralela, fazendo do boêmio um civilizado durante o dia e um devasso no contraturno.

Nesse sentido, a suspensão do mundo normatizado buscado pelo boêmio deve ter hora e lugar para a lógica deste “verdadeiro” boêmio que se difere do malandro, pois, o primeiro compartilha de práticas da “doce e amarga” vida boêmia em horas marcadas com determinações sociais postas e em convergência com “a civilidade do bom homem” que, mesmo boêmio, faz-se representante de um grupo que aceita as regras de conduta e comportamentos definidos pelo “centro”. Segundo Benatte (1996, p. 210), o “boêmio em tempo integral” seria identificado como:

[...] vadio, um ser economicamente improdutivo e, portanto, um indivíduo oneroso à uma sociedade do trabalho, quer

dizer, da produção de mercadorias. Quem se tornasse um boêmio vinte e quatro horas por dia perderia sua inscrição na boêmia e passaria a figurar no fichário policial que arrolava os vagabundos, criminosos e nocivos à sociedade.

A boêmia deve, nesta ótica “moralista”, ter hora e lugar marcado - com tempo limitado - do contrário, enquadrar-se-ia em outra colocação que este mesmo discurso implica em certa destreza para dissociar o boêmio do malandro. Gerido e reproduzido, o malandro e o boêmio são categorizações que denotam vários sentidos entre si e externos a eles, gerando discrepâncias de significado, como também, em muitos casos, convergências.

Para não determinar as “os pontos em comum” que as fontes anteriores demonstraram, ou mesmo, não priorizar uma análise em série, mas buscando uma forma de qualitativismo discursivo, apresentamos o ultimo fragmento extraído do jornal, pois, nos resultam a problematizar um caminho contrário ao até então discorrido, ou seja, mostrar as significações de aceitação de certas práticas pelo discurso oficial.

Dessa forma, pensaremos as relações amorosas e práticas da juventude “não boêmia”, ou melhor, de uma juventude dentro dos padrões construídos e reproduzidos pela sociedade como o paradigma normativo ideal. O fragmento, na realidade, é um dialogo de dois amigos que se encontram em uma matine de cinema, um comenta com o outro sobre a bela que o cativou. Segue o diálogo:

PEQUENA ‘DO OUTRO MUNDO’..

Num desses domingos ‘engarôado’, em que a gente não tem o que fazer, domingos-vadios, resolvi ir a uma matinée, num dos cinemas da cidade. Quando entrei, o amplo salão já estava regorgijando de gente moça. Especialmente de ‘garôtas’, vestidas de todos as corês parecendo bandeirinhas, em dia, de festa de cidade do interior (...). No intervalo, sahi. E no salão de fumar, encontrei um velho collega que, encandiante, com cara de quem acertou no ‘bicho’, veio ao meu encontro. - Não imagina você - disse-me elle, - que a pequena era ‘do outro mundo’, um ‘pancadão’ que eu cavei’ (...). Fiz questão de conhecer a tal ‘pequena’. E elle, com uma desculpa

apressada, pretexto precisar comprar cigarros. Desapareceu. Terminada a sessão, quando ia sahindo no meio de tanta gente, encontro o tal collega. Bem juntinha com a ‘pequena do outro mundo’, a pequena era um ‘pancadão’. (...). E que, também, era ‘zarôlha’ (...) (Diário dos Campos, 13-10-1937).

Cinemas tornaram-se emblemas da modernidade, apresentavam-se como recantos aos domingos a tarde da mocidade burguesa, a redoma de casais em contraposição ao mundo boêmio da noite, dos bares. O cinema é representado enquanto espaço de namoricos, uma sociabilidade civilizada e bem aventurada às moças de família, como também, aos rapazes que desfrutavam as possibilidades fornecidas por um ambiente citadino em meados de 1930.

Desse modo, pouco importa para nós os significados das expressões de vergonha entre os amigos - o primeiro a querer em imediato mostrar o seu namorico - todavia, o que nos é significativo com esta ilustração discursiva é a forma pela qual se representa, ou melhor, a construção de consenso e de legitimidade que apontam o espaço sadio e positivo do cinema durante um dia de descanso. No entanto, esse panorama se afirma à contrapeso, isto é, no sentido de que no mesmo período encontramos formas opostas de diversão, ou melhor, de sociabilidade, pois, há construções de cotidianos intercalados, paralelos e convergentes. Até porque, muitos dos freqüentadores do cinema durante a tarde eram boêmios da noite.

De forma geral, pensar o ser social - boêmio - ou as práticas culturais que este constitui na interação e na construção do cotidiano, significa percebê-lo como um tipo ambíguo que vivia a traçar suas rotas sem destino certo com leve pretensão de se findar em uma mesa de bar ou em uma “casa do prazer” - bordéis e cabarés. Andarilho do “centro” citadino - de onde se vinha e para onde sabia que deveria voltar - compartilha os mesmos espaços da malandragem, fazendo suas distinções e sendo o famoso boêmio que colocava em xeque vários preceitos da sociedade burguesa e da própria normatização social - por mais que desta compartilhe - cujas construções que o enaltecem são as mesmas que o apontam para as transgressões dos hábitos e práticas de seus dia-a-dias em noite longas.

Boêmia, boêmios, práticas mundanas da vida a constituir um modo peculiar de se viver, assim como o malandro, das dissidências das formas e

das dosagens de ambos existe e existiu num cenário como Ponta Grossa - cidade dita, neste momento, eleita à reflexão como a “cidade civilizada” – e que se mostra contrária a tais práticas, todavia, cotidianamente sempre houve a existência e a reprodução contida neste cenário urbano da vida noturna. Pois, como diria a antiga canção: “dor de amor, com novo amor a gente cura, vim curar a dor, desse mal de amor, na boate azul [...]”.

Considerações Finais

A Volta do Boêmio
Boemia
Aqui me tens de regresso
E suplicante lhe peço
A minha nova inscrição
(Nelson Gonçalves)

A epígrafe acima revela algumas facetas do que tratamos ao longo do texto: a boêmia, o boêmio e os contornos que se constituem por meio de práticas discursivas expressas nas fontes, como também, em um arsenal de memórias desfrutadas por todos que um dia se depararam com tal modo de ser e levar a vida. Como em Nelson Gonçalves, que gravou tal canção junto ao álbum de mesmo nome em 1967, depois de envolvimento dramático com a cocaína em sua vida pessoal, o cantor revela a volta à boêmia, ou melhor, aos gozos da mesma, apontando para um entrosamento de si ao modo de se viver boêmio, ao amor que ela o proporciona, como também, aos amigos que reencontraria.

Ao que tange às fontes, faz-se essencial pensarmos tais documentos de modo reflexivo e, ao mesmo tempo, remetendo-os não a uma serialização, mas sim, a expressividade da temática e a enunciados que formalizam correlações, ou seja, não encontraríamos ditames que afirmassem literalidades, mas sim, demonstrações discursivas que remetem a pensar as delimitações propostas. Nesse sentido, os dois primeiros fragmentos ao tratar da malandragem e das saudades inúteis representam o que se pensa e como se pensa a prática boêmia e o modo pela qual deve ser tratada discursivamente em uma cidade ordeira e conservadora. Já o terceiro fragmento, representa uma tentativa inversa, demonstrando as práticas legitimadas pela sociedade que se contrapunham ao taxado e abominado boêmio.

Percebemos que a cidade não para. Não para de fazer-se e nunca acaba

de se findar. Engendrados, muitas vezes pelos discursos oficiais, os boêmios configuram-se em pretensa distinção à prática da malandragem, ao final, contudo, colocam-se frente a frente em antagonismos que os fazem diferentes e iguais, criados à imagem e semelhança.

Podemos pensar a boêmia em tais ditames ou os espaços pelos quais esta se delinea - bares, botequins, cafés, restaurantes noturnos, cabarés, bordéis - como a mais “falsa consciência” de ser o que se é, para ser o que se faz ser, no sentido de mascarar a angústia de viver a solapar aquele que anseia ser livre ao prazer, porém, controlado pela normatização.

Nessas pressuposições, a boêmia ou práticas boêmias até os dias atuais funcionam como um escape de uma “realidade” ou normatividade, criando um gozo, a fuga de um cotidiano “cotidianizado”, ou seja, normatizador e opressor. Deste modo, a boêmia, na contemporaneidade molda-se a homens e mulheres, rompendo, com isso, aos ditames sexuais, ainda mais, compadecendo a espaços de várias classes e escalonamentos sociais: do bar dos trabalhadores, transitando pelos bares ao redor das universidades, aos botequins da elite, tudo se faz boêmio.

Fontes

Diário dos Campos. **Notas Mundanas. Malandro.** 05 de outubro de 1937.

Diário dos Campos. **Notas Mundanas. Pequena do “outro mundo”.** 13 de outubro de 1937.

Diário dos Campos. **Notas Mundanas. Saudades inúteis.** 1º de Dezembro de 1937.

Referências

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social.** Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985.

BENATTE, Antônio Paulo. **O centro e as margens: boêmia e prostituição na “capital mundial do café”** (Londrina: 1930-1970). (Dissertação de mestrado). UFPR, Curitiba, 1996.

BRESCIANI, Maria Stella. **História e Historiografia das Cidades.** In FREITAS, Marcos Cezar (org). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editoras Vozes, 1998.

CHAVES, Niltonci Batista. **A cidade civilizada**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

CHAVES, Niltonci Batista e RUMBELSPERGER, Robson Vinícius. **Botequins: a belle époque ponta-grossense**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, . v. 5, n.11. p. 173 - 190, 1991.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LYOTARD, J. F. **Condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Copacabana: cotidiano e boêmia**. In MATOS, Maria Izilda S. de e SOLLER, Maria Angélica (orgs.) **O Imaginário em Debate**. São Paulo: Editora Olho D'água, 1998.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. A Modernidade Republicana. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro: UFF. v. 13, n.26, p. 15 - 31, jan/dez. 2009.

MORAES, Antonio Maria Araujo de. **Pernoite: crônicas de Antonio Maria**. Rio de Janeiro: Martin Fontes, 1997.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5. ed. São Paul : Brasiliense, 1994.

REVEL, Jacques. **Proposições: ensaios de História e Historiografia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

VELOSO, Mônica Pimenta. **Os Cafés como espaço da moderna sociabilidade**. In LOPES, Antonio Herculano (org.) **Entre Europa e África: a invenção do carioca**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2000.

Recebido em: 02 setembro de 2011.

Aprovado em: 24 de fevereiro de 2012.